



Ganhos Competitivos na Constituição de uma Cooperativa em uma Vila da Zona Rural do Município de Tracuateua- PA

Resumo

Diante de um mercado econômico cada vez mais globalizado e concorrencial, a formação de economias solidárias e a prática da cooperação são oportunidades plausíveis para pequenas empresas se desenvolverem para ter competitividade e sobrevivência, tornando-se um caminho não somente de desenvolvimento econômico, mas também humano e social. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo principal estudar quais os ganhos competitivos podem ser proporcionados à pequenos produtores de farinha de mandioca da vila de Manoel dos Santos, zona rural do município de Tracuateua – PA, caso eles constituíssem uma cooperativa de trabalho. Também foi estudado o perfil de cooperação entre os produtores e o ambiente econômico caso a cooperação se concretize, caracterizando este trabalho como exploratório e quanti-qualitativo em relação à sua metodologia. Para a coleta dados, utilizou-se como meio o pesquisador observador e pesquisador participante para a realização de entrevistas, guiadas por questionário semiestruturado e adotando a análise de discurso para formulação dos resultados. Concluiu-se que a constituição da cooperativa de trabalho torna-se viável, por ter a capacidade de proporcionar os quatro ganhos competitivos estudados (acesso a soluções, aprendizagem e inovação, redução de riscos e custos e relações sociais), além dos resultados apresentarem de forma positiva a projeção dos ganhos econômicos futuros com a cooperativa instalada, e também pelo fato da maioria dos produtores se caracterizarem como engajados, comprometidos com o projeto. Este estudo torna-se relevante ao demonstrar que o conhecimento acadêmico pode transformar um grupo de pequenos agricultores individuais, gerando possíveis alternativas de geração de renda e desenvolvimento social.

Palavras-chave: Ganhos Competitivos, Sociedade Cooperativa, Economia Solidária

1 Introdução

A reestruturação do sistema produtivo mundial nas últimas décadas pelos países capitalistas resultou em novas práticas produtivas, com profundos impactos no âmbito trabalhista: precarização do trabalho, favorecimento do desemprego, baixos salários e exigência de qualificação dos trabalhadores (Andrade; et al, 2008). Neste cenário, Sales (2010) destaca que a competitividade entre as empresas por mercados consumidores gera cada vez mais produção em larga escala, e conseqüentemente a oferta se torna maior que a demanda, a ganância pelos resultados se sobrepõe aos interesses individuais, ou seja, a sociedade em si não é a prioridade, e sim o lucro.

E para neutralizar esses efeitos colaterais do capitalismo, a economia solidária apresenta-se como uma alternativa de desenvolvimento econômico e de sustentabilidade social, visto que promove meios de inclusão produtiva e cria perspectivas de relações sociais



participativas, engajando o desejo das pessoas de realizar seus anseios coletivos (Castro & Damasio, 2012).

Para Singer (2000) descreve que a economia solidária se refere as pessoas envolvidas no meio capitalista (produtores, consumidores, poupadores, etc.) que têm características essenciais que as diferenciam das demais pessoas: a solidariedade é bastante incentivada entre seus membros, e eles a praticam para com a população trabalhadora em geral, ajudando principalmente os menos favorecidos.

O cooperativismo, de acordo com Haddad (2005), o cooperativismo, apesar de ser solidário e principalmente coletivo, não deixa de ser um empreendimento. Não é um empreendimento meramente econômico e que visa o lucro, e sim modelo econômico sustentável que visa emancipar o indivíduo das atuais relações sociais, como uma solução para a exclusão social e a precarização do trabalho, em que muitos outros trabalhadores são submetidos.

O interesse do estudo surgiu ao perceber que o cooperativismo tem se apresentado na sociedade pós-moderna como uma das formas mais inovadoras de organização de trabalho, conforme Araújo (2014), além de ser uma organização que busca continuamente a obtenção renda através de uma forma mais igualitária de gestão, de acordo com Verchoore e Balestrin (2008) e Balestrin. Verchoore, Junior, (2010). Para isto, a pesquisa seguirá no hermético de triangular a vivência, o contexto social e o acadêmico, no qual ambos obterão em aprendizagem benefícios com os resultados da pesquisa.

Demonstrando assim a relevância do estudo dada o escopo da pesquisa, esta será realizada na vila de Manoel dos Santos, zona rural, de Tracuateua - PA, e por não haver estudos na área que envolvam uma avaliação contábil produtiva com o enfoque nos possíveis ganhos econômicos atribuídos pela avaliação de implantação de uma organização econômica mais estruturada, trata na pesquisa através de um observador participante e um não participante, em prol de revelar a responsabilidade social, cidadania, desenvolvimento social, econômico e também a propor projetos que visem o desenvolvimento cultural, educacional e comunitário.

Tendo como objetivo de estudar quais os ganhos competitivos podem ser proporcionados à uma organização coletiva de pequenos produtores de farinha de mandioca da vila de Manoel dos Santos, zona rural de Tracuateua - PA, caso eles constituíssem uma Cooperativa de trabalho, levando em consideração o conceito de ganhos competitivos estabelecidos por Verschoore e Balestrin (2008) e defendidos por Araújo (2014).

2 Referencial teórico

2.1 Cooperativismo no Brasil

A cultura da cooperação no Brasil é observada desde o período colonial português (séculos XVI e XIX), onde era estimulada por funcionários públicos, militares, profissionais liberais, operários e imigrantes europeus. O cooperativismo ganhou sua própria representação no Brasil em 1969, com a criação da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e no ano seguinte, a entidade foi registrada em cartório. Em 1971, com a lei 5.764, foi disciplinada a instituição de um regime jurídico próprio para a criação das cooperativas, entretanto alguns aspectos restringiam a autonomia dos associados. A autogestão entre cooperados foi efetivada com a Constituição Federal de 1988, proibindo a interferência do Estado nas associações (OCB, 2019, Mothé, 2009).

De acordo com Silva (2003), o cooperativismo no Brasil apresenta preocupação com revitalização e a modernização das práticas cooperativas, que podem ser ocasionadas pela economia cada vez mais globalizada, ou também pelos apelos éticos contemporâneos (especificadamente em relação à ampliação da democracia). Entretanto, o autor, destaca que



as informações coletadas em sua pesquisa demonstram que o associativismo e o cooperativismo são considerados possíveis alternativas para o aumento de geração emprego e renda para famílias, e outros autores (Cialdini & Goldstein, 2004) evidenciam a importância da economia solidária como uma ferramenta não apenas de desenvolvimento econômico, mas também de desenvolvimento humano, social e de conformidade legal.

2.2 Cooperar, Cooperação, Cooperativa

A cooperação entre as pessoas está enraizada na origem de sua história, conforme descreve Bialoskorski (2006), que desde a pré-história da civilização, nos povos das tribos indígenas e nas antigas civilizações babilônicas, existem registros sobre a cooperação e associação solidária.

O trabalho coletivo, quando realizado por colaboradores com os mesmos propósitos, se torna mais eficiente se comparado a produção de um trabalho individual, visto que as pessoas tendem a trocar conhecimentos e compartilhar experiências, de modo a reduzir riscos e solucionar problemas. Sales (2010) e Barbosa et. al.(2015); remetem ao período feudal para explicar a importância da união coletiva: naquela época, enquanto as pessoas aquartelavam-se em torno de um poderoso senhor feudal, os vassalos demonstravam sua força de união na vivência, servindo ao senhor em troca de proteção dentro dos muros. A sobrevivência do grupo dependia da convivência entre eles.

De acordo com Olave e Amato Neto (2001), a prática da cooperação na conjuntura econômica brasileira (globalizada, concorrencial e em busca de competitividade) é uma oportunidade verossímil de desenvolvimento de pequenas empresas, tendo em vista a crescente reestruturação produtiva e as pressões por redução de custo e aumento da produtividade. As redes de cooperação têm a capacidade de facilitar a realização de ações conjuntas e a transação de recursos, promovendo o alcance dos objetivos organizacionais (e Balestrin. Verchoore, Junior, 2010)

Portanto, é imprescindível reconhecer que a cooperação é uma maneira pela qual o país pode vir a diminuir a sua desigualdade entre empreendimentos e conseguir transpor as dificuldades de competitividade do mercado, visto que a necessidade de buscar parcerias é motivada por essas dificuldades, tornando o ambiente econômico mais próspero a buscar a cooperação, conforme Araújo, Pires e Farias Filho (2014).

2.3 Perfis de trabalhadores na cooperação

A autogestão permite observar as características de cada colaborador em relação às suas atitudes e a sua vivência dentro da organização. Na pesquisa de Rosenfield (2003), foi realizado um estudo em uma cooperativa de produção, que conseguiu ser constituída por incentivo primordial do sindicato a partir da falência da indústria metalúrgica onde os trabalhadores exerciam suas atividades. Através de entrevista semiestruturada com os trabalhadores-cooperados (tanto da administração quanto os da produção) da cooperativa, foi possível traçar quatro tipos de perfis de trabalhadores, caracterizados pela sua relação com o trabalho autogerido, de forma homogênea internamente e heterogênea externamente, dispostos nos sub tópicos seguintes.

Tabela 1: Perfil de Trabalho

Perfil	Abordagem
Engajamento	Este grupo de trabalhadores são caracterizados pelo seu estilo coletivo, são os incentivadores do cooperativismo autêntico e propagam este modelo entre aqueles que ainda não fazem parte do projeto



Adesão	Os trabalhadores deste grupo são caracterizados pela escolha de natureza mais instrumental que ideológica, visto que não são tão envolvidos à ideia do projeto quanto o grupo de engajamento, entretanto enxergam no modelo auto gestor da cooperativa uma alternativa ao desemprego para a geração de renda.
Recuo	Os trabalhadores do grupo “recuo” são aqueles que aderiram ao projeto unicamente por não houver outra alternativa de geração de renda (entretanto, a cooperativa não é considerada uma opção desvantajosa), ou porque a cooperação é uma maneira de reaver as perdas com a falência da antiga indústria metalúrgica
Desvio	Este grupo representa uma característica oposta à finalidade da cooperação, pois vislumbram um projeto alternativo que lhes forneça maior renda, contrariando o modo de como a cooperativa é dirigida

Fonte: Adaptado de Rosenfield, (2003).

2.4 Ganhos competitivos em redes de cooperação

Por meio da cooperação interorganizacional é possível que sejam agregados a este processo ganhos competitivos, que diferenciam pequenos empreendimentos das demais empresas, proporcionando vantagens que esses empreendimentos não conseguiriam obter caso não cooperassem entre si. A participação colaborativa e o engajamento para interesses individuais se subordinarem aos interesses coletivos são estratégias que desencadeiam esses ganhos competitivos e geram sobrevivência para pequenas empresas no inseridas no mercado. (Balestrin, Vargas, 2004; Verchoore, Balestrin, 2008, 2007).

De acordo com Erber (2008), ao estudar sobre a cooperação e ganhos de eficiência, o autor observa que as ações colaborativas são essenciais para que pequenos empreendimentos de determinada localidade sejam beneficiados de potenciais vantagens competitivas, tanto de maneira externa (externalidades do conhecimento) quanto de forma interna (geradas pela proximidade entre organizações, de forma espontânea).

Conforme Verschoore e Balestrin (2008) os ganhos competitivos podem ser proporcionados à pequenos e médios empreendimentos através da cooperação entre eles, sendo os principais: redução de custos e riscos; aprendizado e inovação; relações sociais e acesso a soluções de contingências. Eber (2009) também acrescenta que o agrupamento econômico de pequenas empresas pode vir a capturar externalidades positivas no meio em que está inserida através de ações coletivas, porém esses benefícios somente seriam obtidos em conjunto através da cooperação, sendo incapazes de serem alcançados individualmente.

Logo, a partir do momento em que os produtores identificam a necessidade da cooperação e demonstram interesse em realizar, poderão ser proporcionados ganhos competitivos comum a todos (Verchoore, Balestrin, 2008, 2007). Na tabela abaixo, serão explanadas as especificidades de cada ganho competitivo.

Tabela 2: Principais Ganhos competitivos

Ganhos Competitivos	Abordagens
Acesso a soluções	Esse ganho permite que o estabelecimento de redes de cooperação possibilite o acesso a soluções para as dificuldades das empresas, por meio de serviços, de produtos e da infraestrutura desenvolvidos e disponibilizados pela rede para o desenvolvimento dos seus associados.
Aprendizagem e inovação	Esse ganho tem como foco o estabelecimento de redes de cooperação que possibilita condições para a aprendizagem e a inovação, mediante o compartilhamento de ideias e de experiências entre os associados e as ações de cunho inovador, desenvolvidas em conjunto pelos participantes, dessa forma as possibilidades de aprendizagem em redes de cooperação ocorrem de diferentes modos, pois elas permitem que os cooperados acessem novos conceitos, métodos, estilos e maneiras de abordar a produção, a resolução de problemas e o desenvolvimento de seus produtos
Redução de riscos e custos	Este ganho está relacionado ao fato de que os participantes da cooperação poderão dividir os riscos e custos comuns entre eles. A formação de trabalho coletivo reduz os obstáculos dos associados na cooperação em meio à competitividade do mercado, de



	modo que isto se torna um diferencial em relação às empresas não inseridas no ambiente cooperativista
Relações sociais	Esse ganho é marcado pela capacidade da organização em buscar a confiança e o capital social através do seu interior, fazendo com que as práticas em prol do coletivo potencializem a capacidade individual e coletiva.

Fonte: Adaptado de Verchoore e Balestrin (2008) e Araújo (2017).

3 Metodologia

3.1 Características metodológicas

Devido a sua finalidade e as informações proporcionadas pela pesquisa sobre o tema investigado, esta pesquisa caracteriza-se como exploratória. O presente estudo utilizou como procedimento técnico a análise de discurso, coletando os dados através de entrevistas pessoais semiestruturadas com produtores de farinha de mandioca da vila de Manoel dos Santos (zona rural de Tracuateua – PA), que têm interesse em legalizar o seu negócio de forma coletiva. A entrevista foi guiada por um questionário semiestruturado, e buscou encontrar respostas para os seguintes itens:

Tabela 3: Guia de entrevista

<ul style="list-style-type: none">• Interesses do entrevistado na constituição de uma cooperativa;• Expectativa do entrevistado quanto a viabilidade da constituição;• Realidade econômica da produção de farinha dos agricultores;• Perfis de trabalhadores na cooperação, segundo Rosenfield (2003);• Ganhos competitivos estabelecidos por Verschoore e Balestrin (2008),
--

A pesquisa de campo tem como lócus a comunidade na vila de Manoel dos Santos, zona rural do município de Tracuateua – PA, o município está localizado a 169 quilômetros de Belém, capital do estado do Pará. Tracuateua fazia parte da cidade de Bragança, sendo emancipado em 29 de setembro de 1994, por meio da Lei Nº 5.858/94, mas só se tornou município dois anos depois, em 1996.

A metodologia para a análise dos dados desta pesquisa foi realizada de três maneiras, conforme a figura 2:

Figura 2: Metodologia da pesquisa para análise dos dados.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

A partir dos objetivos que este estudo se propôs a explorar, a entrevista foi o modelo essencial para se obter todas as informações necessárias. Nos sub tópicos seguintes, serão abordadas detalhadamente cada etapa da análise de dados.



3.1.1 Perfil socioeconômico dos trabalhadores

Esta etapa buscou identificar as principais características dos entrevistados, em relação à idade, nível de escolaridade, número de filhos, renda familiar, etc., de modo que foi possível elaborar um panorama sobre o modo de vida de cada produtor em relação à sua atividade com a agricultura.

3.1.2 Perfis de trabalhadores na cooperação

Para traçar os perfis de trabalhadores que esta pesquisa se propôs a apresentar, este trabalho baseou-se na pesquisa de Rosenfield (2003), onde a autora realiza um estudo sobre a autogestão de uma cooperativa a partir da falência de uma indústria metalúrgica, no qual por meio da iniciativa primordial do sindicato, este incentivou a constituição de uma cooperativa de produção, transformando a iniciativa em um projeto político-social alternativo de geração de trabalho e renda.

A partir do modelo de autogestão aplicado na organização, a pesquisadora entrevistou os antigos empregados da indústria que após a falência se tornaram cooperados, e a partir das respostas, foi possível traçar quatro grupos de trabalhadores caracterizados em dois grandes grupos, a partir da forma de inserção social de cada grupo.

Tabela 3 – Dois grandes grupos de perfis de trabalhadores cooperados aplicados na pesquisa.

Engajados	Em recuo
As características do grupo “engajamento” e “adesão” englobam-se formando um novo grupo, marcado pelo interesse da participação coletiva e comprometidos na ideia central do projeto.	Os grupos “recuo” e “desvio” formam-se outro tipo de grande grupo, identificado essencialmente pela predominância da inserção de interesses individuais em meio ao projeto coletivo do grupo.

Fonte: Adaptado de Rosenfield (2003).

Neste estudo se confronta os dados coletados das entrevistas utilizando uma avaliação pelo maior número de palavras utilizados pelos respondentes, através do software *Iramuteq.0,7apha2*. O propósito deste confronto está em identificar os entrevistados mais alinhados ao princípio cooperativa, ou seja, aqueles que têm respostas permeadas em constituir uma cooperativa.

Os resultados são definidos $I <R> I$, quanto mais próximo de 1, mais os entrevistados avaliados estão propensos a participação da cooperativa, trabalho em grupo, a produção da farinha, ao trabalho e outros. A partir desta avaliação, pode-se partir de um diagnóstico inicial definindo se a vila estudada tem uma maior propensão de ter trabalhadores-cooperados “engajados” ou “em recuo”, de acordo com a classificação dada por Rosenfield (2003).

No sub tópico abaixo é tratado sobre as especificidades de cada ganho competitivo que podem ser proporcionados caso a cooperativa seja constituída, de modo a explicar sua aplicação na pesquisa.

3.1.3 Ganhos competitivos

No processo de ganhos competitivos avalia-se as ações coletivas que são desenvolvidas e que podem prover externalidades positivas, no ambiente de negócios (EBER, 2008). As externalidades positivas surgem por meio do processo de cooperação entre organizações, as quais se juntam para agregar conhecimentos próprios, distintos ou complementares, para enfrentar os mercados competitivos (AMATO NETO, 2000), atribuindo para isto o fortalecimento do aspecto cooperativo como uma forma de alavancar suas atividade com eficácia e eficiência, além de solidificar as decisões de negócio, sem perder suas identidades (ARAÚJO, 2008).

De acordo com Araújo (2008) através da cooperação entre pequenos e médios empreendimentos, obtêm-se maiores ganhos competitivos estabelecidos pela cooperação interorganizacional. Assim sendo, todos os produtores dessa forma poderão trabalhar para ter



mais visibilidade no mercado com a farinha, obtendo vantagens suficientes, mas sem perder a característica de serem pequenos produtores.

As perguntas elaboradas para a entrevista focam justamente na possibilidade de conquistar características que desencadeiem ganhos competitivos para a cooperativa, de modo que as respostas dos entrevistados serviram como base para o método da análise de discurso. Na tabela 5, apresenta-se uma síntese dos ganhos competitivos estudados nesta pesquisa:

Tabela 5 – Ganhos competitivos em redes de cooperação.

Ganho Competitivo	Definição	Características-chave
Acesso a Soluções	Os serviços, os produtos e a infraestrutura disponibilizados pela rede para o desenvolvimento de seus associados.	Capacitação, Consultorias, Marketing, Prospecção de oportunidades, Garantia ao crédito.
Aprendizagem e Inovação	O compartilhamento de ideias e de experiências entre os associados e as ações de cunho inovador desenvolvidas em conjunto pelos participantes.	Disseminação de informações, Inovações coletivas, Ampliação de valor agregado.
Redução de Custos e Riscos	A vantagem de dividir entre os associados os custos e os riscos de determinadas ações e investimentos comuns aos participantes.	Atividades compartilhadas, Confiança em novos investimentos, Complementaridade, Facilidade transacional, Produtividade
Relações Sociais	O aprofundamento das relações entre os indivíduos, o crescimento do sentimento de família e a evolução das relações do grupo para além daquelas puramente econômicas.	Limitação do oportunismo, Ampliação da confiança, Acúmulo de capital social, Laços familiares, Reciprocidade, Coesão interna.

Fonte: Verschoore e Balestrin (2008).

Após os critérios metodológicos, segue a análise e discussão a seguir.

4 Análise e Discussões

4.1 Características socioeconômicas e Perfis de trabalhadores na cooperação

A primeira etapa da entrevista foi a de identificar as características socioeconômicas dos produtores de farinha de mandioca da localidade pesquisada. Conforme a tabela 6, encontram-se abaixo os resultados.

Tabela 6 – Características socioeconômicas dos entrevistados.

Características	Respostas
Sexo	100% masculino
Idade	48,56 anos (média)
Estado civil	100% casado
Nível de escolaridade	78% sem ensino fundamental completo
Número de filhos	56% possui mais de 3 filhos
Renda familiar	56% recebe igual ou abaixo do salário mínimo

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Como pode-se observar, todos os 9 entrevistados são patriarcas da família, casados e com uma média de idade de 48,56 anos. A maioria não completou o ensino fundamental, possuem mais de 3 filhos, e recebem igual ou abaixo do salário mínimo vigente.

No seio da autogestão promovido pela cooperativa, é possível identificar e traçar perfis de trabalhadores quanto seus interesses e suas relações de vivência na cooperação, sendo caracterizados por suas homogeneidades internas e heterogeneidades externas em relação ao trabalho autogerido (Rosenfield, 2003). Segundo Rosenfield (2003), ao estudar os perfis de



trabalhadores-cooperados em uma cooperativa fundada após falência de uma antiga fábrica metalúrgica, estabeleceu quatro tipos de trabalhadores na cooperação: engajamento, adesão, recuo e desvio.

Um dos entrevistados, caracterizado como “engajado”, ressalta a importância da união coletiva sobrepondo os interesses individuais, explicando seu interesse em fazer parte da cooperativa ao comparar a sua situação atual de produtor independente, demonstrando querer ser trabalhador-cooperado mesmo que a sua continuidade como produtor individual seja mais benéfica economicamente:

Com certeza, prefiro trabalhar na cooperativa de que trabalhar só... hoje em dia a gente não tem que pensar só em ganhar dinheiro, pra tu ganhar dinheiro tu vai ter que trabalhar muito também né... e você trabalha em grupo, o grupo tem sempre um te orientando e aí a questão do lucro isso é o tempo é que vai dá vai dá a direção direta pra gente né não é em cima da hora, nem tudo que a gente faz assim no momento a gente já chega só ganhando as vezes a gente perde pra ganhar lá na frente. (Entrevistado 5) ¹

Uma característica interessante observada em alguns produtores foi a relação de produção entre eles, uma metodologia que permite a diminuição de custos e troca de experiências: o “troca-dia”. Conforme é explicado por um dos entrevistados, o “troca-dia” é como se fosse uma parceria informal de trabalho, onde um produtor ajuda outro quando a demanda de produção deste está alta, e o produtor que recebeu a ajuda se compromete em retribuir a cooperação quando o produtor que o ajudou precisar. Alguns produtores são parentes, o que fortalece a relação entre eles:

[...] Quando eu vou fazer, no caso, a farinhada, tem meus cunhado, meu sogro, meus irmão, e a gente troca dia. Eu vou fazer a minha e eles vão me ajudar, aí quando eles já vão fazer a deles, eu vou ajudar eles, que é pra gente ter um lucro melhor né? Porque a gente sabe que a situação tá meio difícil, se a gente for pagar toda despesa que tem do serviço, a gente fica com um lucro muito fraco. (Entrevistado 2) ²

Esta metodologia possibilita aos produtores um aprimoramento das relações de trabalho entre si, proporcionando ganhos competitivos que serão evidenciados no sub tópico seguinte deste estudo. Entretanto, os trabalhadores “em recuo” não concordam com a eficácia deste método, preferindo pagar para um outro trabalhador ajudá-lo somente no dia que ele precisar, tendo que arcar também com a alimentação do ajudante, e consequentemente aumentando o seu custo de produção. Para eles, a produção coletiva funcionará somente se a cooperativa for constituída e com a participação de todos os cooperados (mutirão).

[...] Eu acho que não... não funcionaria assim não, melhor pagar a diária do que fazer o troca-dia. Em forma de mutirão com certeza dá, mutirão já é outra coisa, aí acho que dá certo sim, isso se funcionar a cooperativa né. (Entrevistado 4) ³

Existe nos trabalhadores “em recuo” um certo receio sobre a sua participação na cooperativa, diferentemente do grupo “engajado”, que demonstram comprometimento em participar da cooperativa desde a sua constituição. O grupo em “recuo” prefere aderir ao projeto somente quando este já estiver consolidado, porém se mostram inseguros sobre a viabilidade do projeto, preferindo assim esperar a constituição através dos produtores “engajados”.

¹ Entrevistado 5 - pesquisa de campo

² Entrevistado 2

³ Entrevistado 4 - pesquisa de campo



[...] Tenho receio nesse meio aí entendeu, mas seria importante que todo mundo desse... assim... no caso um voto de confiança né, na... na... na busca da melhora. (Entrevistado 6) ⁴

Um dos entrevistados caracterizados como “engajados” demonstra seu receio de que pessoas mal-intencionadas venham a se inserir na cooperativa e estabelecer condições que impliquem na harmonia coletiva do grupo:

[...] Alguém ia querer puxar pra trás né... porque sempre há um fuxiqueiro no meio no grupo grande de pessoas e essa... esse... só que o grupo não ia aceitar uma pessoa que só quer derrubar todos. (Entrevistado 3) ⁵

Portanto, observa-se que os produtores “em recuo” têm certa insegurança sobre a viabilidade da cooperativa, não demonstrando seu claro interesse em participar por conta da união coletiva e construção de projetos a médio e longo prazo que fortaleçam o comprometimento de todos para com a cooperação, mas demonstram interesse pela diminuição de custos e participação de um projeto alternativo de geração de renda. Rosenfield (2003, p. 407) relata que “o coletivo é o instrumental para atingir objetivos de natureza individual já que a relação com o trabalho na cooperativa é também instrumental”.

Os trabalhadores do grupo “engajados”, que são maioria, demonstram fortes evidências de que a cooperação atingirá sucesso, desencadeando também ganhos competitivos, que são confirmados através de ações que os próprios produtores já praticam entre si.

Para que a adesão de produtores “em recuo” na cooperativa não implique na harmonia da organização, deve-se criar meios que impeçam o amadurecimento de interesses individuais na cooperação (na constituição do estatuto social, por exemplo).

A falta de instrução é um fator que gera insegurança para os trabalhadores desse grupo, logo, cursos de qualificação e capacitação promovidos pela cooperativa são uma possível solução para a construção de princípios e valores solidários e coletivistas.

4.3 Ganhos Competitivos

4.3.1 Acesso a soluções

Conforme Araújo (2017), mesmo com a vontade dos produtores em formar a cooperativa, observará que estes encontraram mais motivados a solucionar os problemas de modo coletivo, quando o assunto é reduzir as ações dos atravessadores no processo de comercialização da farinha de mandioca. A ação dos atravessadores é um fator de grande inquietude para um dos entrevistados, o que fica enfatizado na fala de um dos produtores:

Desse jeito geralmente quem ganha mais é o atravessador, as vezes o atravessador chega a ganhar mais do que o próprio produtor que produz, entendeu? Então já... já iria eliminar esse atravessador e acrescentar pro produtor. (Entrevistado 7) ⁶

É interessante destacar a angústia dos produtores, em desenvolverem ações que possibilitem a troca de conhecimentos, de modo que proporcione ao grupo buscar entre seus membros, resolver tal problema, uma vez que os atravessadores pagam o preço mais cômodo, assim gerando perda para os produtores.

Neste contexto solucionar problemas em uma organização é um fator que comumente ronda todas as empresas, uma vez que exige do gestor habilidades para tomar a melhor decisão possível, trazendo consigo, novas ideias e ações capazes de superar barreiras (Balestrin, Vargas, 2004; Verchoores, Balestrin, 2008; Araújo, 2017).

⁴ Entrevistado 6

⁵ Entrevistado 3

⁶ Entrevistado 7



4.3.2 Aprendizagem e inovação

De acordo com Verschoore e Balestrin (2008), a aprendizagem e inovação é alcançada quando a cooperação proporciona condições aos seus participantes para compartilharem ideias e experiências, buscando ações inovadoras desenvolvidas em conjunto. Assim, observou-se que a qualidade da farinha implica de forma preponderante sobre o seu valor de mercado, de maneira que o seu processo produtivo deve tornar-se padronizado para obter um padrão de qualidade e assim sofrer menos oscilações de preço. Os entrevistados se mostraram interessados em ampliar o seu conhecimento e melhorar a qualidade da sua produção, reconhecendo que a padronização é um meio essencial para alcançar melhores resultados:

[...] Seria o certo né, que todo mundo pudesse fazer de uma maneira pra que estabelece aquele padrão, aquele teto de tudo entendeu? Porque aí ó hoje aqui hoje no Manoel dos Santos a melhor farinha que se faz é aqui os menino do seu Lula né faz uma farinha boa de ótima qualidade, já o pessoal pra cá já não faz a farinha com o merma qualidade, faz uma farinha boa. Então seria importante que a troca de experiência né que desse num resultado de... de... de... consegui todo mundo fazer do mesmo padrão... que aí ficaria bem organizado.
(Entrevistado 7)⁷

O ganho competitivo de aprendizagem e inovação também pode ser evidenciado pela capacidade e pelo interesse do cooperado em aceitar sugestões e ideias que melhorem a produção. Em relação à capacidade do trabalhador de produzir outro tipo de farinha que ele ainda não faz por falta de instrumentos necessários, um deles responde:

[...] Com certeza, porque é assim que nem o meu caso: eu não sei trabalhar com farinha lavada, mas se eu pegar uma pessoa que saiba trabalhar com farinha lavada, eu... eu... me ensina eu já vou aprender um produto qualidade ... né por aí. Eu já vou trabalhar com um produto de qualidade porque o cara me ensinou e eu aprendi fazer uma uma... uma farinha boa [...] Consigo por que já aí já a gente tendo uma cooperativa nós vamo trabalhar na casa do forno que ela vai ter ela vai tá montada pra trabalhar com farinha lavada, aí já vai diferente já tem como fazer lavada também. (Entrevistado 5)⁸

Conforme constatado por Araújo (2014), a cooperação garante que a organização obtenha externalidades positivas através de ações espontâneas. A produção coletiva, como já ocorre em algumas vezes com alguns produtores que ajudam entre si, proporciona a eles o conhecimento e a melhora da produção da farinha. É interessante ressaltar a concordância entre todos os produtores em desenvolverem ações que possibilitem a troca de experiências, conhecimento e o aprendizado, de modo que proporcione ao grupo a virtude de buscar entre seus membros novas maneiras de produzir, resolver problemas e desenvolver produtos.

4.3.3 Redução de riscos e custos

De acordo com Verschoore e Balestrin (2008), este ganho está relacionado ao fato de que os participantes da cooperação poderão dividir os riscos e custos comuns entre eles. O compartilhamento dos trabalhos, produção e resultados com o trabalho coletivo faz com que se torne viável associar-se, produzindo ganhos a todos os produtores envolvidos. Portanto, neste trabalho observou-se que os produtores pesquisados possuem anseios, expectativas e atitudes que favorecem a obtenção de ganhos de competitividade entre os produtores, caso se unam em uma cooperativa, que podem ser comprovados.

⁷ Entrevistado 7

⁸ Entrevistado 5



Ao trabalharem de forma coletiva na produção da farinha, os produtores acreditam haveria aumento da produtividade, principalmente pelo compartilhamento de experiências e divisão de tarefas. A seguir é exposta a opinião de um dos produtores sobre a capacidade da cooperação fortalecer a produtividade.

Produziriam mais porque ao inves d'eu... d'eu produzir 15, 20 sacos por mês, eu... eu ia pra 30, 35 saco de farinha por mês na cooperativa. (Entrevistado 1)⁹

Um dos entrevistados menciona uma outra localidade da zona rural que trabalha de forma coletiva, trabalhando de forma de mutirão (vários trabalhadores se unem em colaboração para trabalharem na produção de um agricultor a cada dia, formando-se um ciclo de cooperação) proporcionando assim uma redução de trabalho para os associados, acreditando que esse método de trabalho pode ser replicado caso a cooperativa se constitua.

Olha conheço um... um... uma comunidade que trabalha de manhã até meio dia, o... o... o produtor pra si, e a tarde de 3 às 6 eles se juntou, faz um mutirão e todos trabalham juntos, na merma... com o mesmo objetivo pra um hoje, amanhã pra outro, depois pra outro e assim vai segue até terminar o círculo. (Entrevistado 3)¹⁰

A redução de riscos e custos apresentar-se-á no momento em que se desenvolver uma produção de modo coletivo e se identificar os ganhos presentes no processo de produção conjunta, o qual se espera que sofra um aumento expressivo. Outro entrevistado menciona seu desejo de poder trabalhar e produzir de forma coletiva.

Sou a favor do “troca dia ” por que a cooperativa é... é... é... é... nessa parti aí ela vai ela vai [...] aí é dessa forma a gente... a gente trabalhando unido, por exemplo: eu tenho uma farinha pra fazer, aí eu tenho uma equipe vim me ajudar, aí o outro rapaz lá tirar a farinha pra fazer a equipe se uni pra fazer. A gente pode ter uma equipe pra fazer, pra botar a mandioca na água, porque precisa assim ó: a mandioca precisa ter uma pessoa... uma equipe só botar a mandioca na água, nós pode ter uma equipe só pra tirar a mandioca do rio, e... e... transportar pro... pro... pra... casa do forno, pra lavar, essa que aqui é só farinha lavada que o pessoal trabalha agora [...] aí precisa das pessoas pra torra farinha, quer dizer, a gente... a gente tamo nesse projeto aí. (Entrevistado 5)¹¹

Na cooperativa de trabalho, o cooperado é o principal interessado em desenvolver e produzir, pois ele irá receber proporcional ao seu trabalho. Logo, quanto mais o agricultor produzir, mais ele irá ganhar (Silva, Gaspar, Farina, 2015). Um dos entrevistados já tem certo conhecimento sobre o funcionamento de cooperativa de trabalho, e explica como deve ser feita a participação nos resultados:

[...] A cooperativa, ela vai ser repartida assim: a maioria da... da... das... do produto tu só pode... é... é... é... é... ter direito naquilo que tu botou na cooperativa do teu produto, se eu botei 20 saco de farinha eu só vou ter direito em 20 saco de farinha, não posso, só porque meu vizinho botou 50 eu vou querer o... o... o... os 50 que ele tem, não é assim, a cooperativa ela é trabalhada pelo que tu bota nela, a cooperativa ela tem 300 saco de farinha nós somos 50 socio por exemplo aqui, eu disse 300 sacos de farinha né, mas aí um botou 20, outro botou 50, outro

⁹ Entrevistado 1

¹⁰ Entrevistado 3

¹¹ Entrevistado 5



botou 70, quer dizer, o cara vai receber de acordo com o que ele botou.
(Entrevistado 5)¹²

É importante ressaltar a pacto entre todos os produtores em desenvolverem ações coletivas que possibilitem o compartilhamento dos trabalhos, produção da farinha, pois com o trabalho coletivo faz com que se torne viável associar-se, produzindo ganhos a todos os membros envolvidos. Comprovando assim a existência de ganhos competitivos por meio da cooperação interorganizações, sustentados por diversos autores, entre eles, Balestrin e Vargas (2004), Verschoore e Balestrin (2008) e Araújo (2017).

4.3.4 Relações sociais

De acordo com Verschoore e Balestrin (2008), o ganho competitivo de relações sociais envolve um conjunto de atividades que irão contribuir para melhorar as relações entre os cooperados, assim como a troca de conhecimento, criando mecanismos de desenvolvimento dos laços de confiança. Segundo Araújo (2014), no momento em que os produtores começarem a se organizar para efetuar a formação de uma cooperativa, poderá haver um fortalecimento das relações sociais, estabelecidas pelos laços de confiança que motivaram os produtores a cooperarem entre si.

Por tanto, foi perguntado aos produtores o que eles pensam sobre a formação de uma cooperativa e da realização de seus trabalhos, produção e suas vendas de modo coletivo. Assim, obtivemos de um dos produtores a seguinte resposta:

[...] Sim, acredito que sim, que... que todos são da mesma comunidade acredito que todos ia pensar no objetivo só... só o crescimento da cooperativa.
(Entrevistado 3)¹³

Segundo Araújo (2014) com essas relações sociais na formação de uma cooperativa, estabelece um novo ganho competitivo, que são os ganhos imensuráveis, um ativo intangível, que todos os produtores obtêm ao executar suas atividades de modo coletivo. Um dos entrevistados destaca sua capacidade de trabalho em equipe:

Esse tipo de situação eu vejo assim né as pessoas que ali fazem parte da... lá de determinado grupo né eu acho que a partir do momento que a pessoa passa a fazer parte do grupo ele tem que entrar no grupo pra ajudar, pra somar né, eu sou muito de grupo eu sou entendeu, eu me acho uma pessoa muito muito grupo, eu me estabeleço muito bem em grupo né, eu trabalho sempre em prol do grupo, se eu vou ganhar com isso você vai ganhar também. (Entrevistado 7)¹⁴

É relevante ressaltar a aceitação entre os entrevistados, com ações que possibilitem a troca de experiências, conhecimento e o aprendizado, de modo que irão contribuir para melhorar as relações entre os cooperados, assim criando mecanismos de desenvolvimento dos laços de confiança. Dessa forma, com a constituição da cooperativa proporcionará ganhos competitivos por meio das relações sociais, estabelecidas tanto pelos laços de confiança como pelo valor imensurável, sustentado por diversos autores, entre eles, Balestrin e Vargas (2004), Verschoore e Balestrin (2008) e Araújo (2017).

Diante dos dados coletados, o quadro 6 explica a síntese dos ganhos competitivos encontrados na pesquisa:

Tabela 6 – Síntese dos ganhos competitivos encontrados na pesquisa.

Ganhos Competitivos	Evidencias
---------------------	------------

¹² Entrevistado 5 pesquisa de campo

¹³ Entrevistado 3

¹⁴ Entrevistado 7



ACESSO A SOLUÇÕES: Os serviços, os produtos e a infraestrutura disponibilizados pela rede para o desenvolvimento de seus associados.	No segmento estudado foram observados resultados nos quais os produtores demonstram interesses em acabar com o papel dos atravessadores, pois dessa forma acreditam que possa aumentar suas rendas e assim se desenvolverem mais economicamente.
APRENDIZAGEM E INOVAÇÃO: O compartilhamento de ideias e de experiências entre os associados e as ações de cunho inovador desenvolvidas em conjunto pelos participantes.	Foram observadas vantagens de disseminação do conhecimento, onde os produtores evidenciam o interesse em melhorar a produção, aceitando a troca de experiências, sugestões e ideias, assim melhorando a qualidade da farinha produzida.
REDUÇÃO DE RISCOS E CUSTO: A vantagem de dividir entre os associados os custos e os riscos de determinadas ações e investimentos comuns aos participantes.	Foram percebidos resultados relevantes, solução gerada a partir do “troca dia”, auferindo melhoria no processo produtivo, dessa forma os produtores trabalham cooperando, o qual se espera que sofra um aumento expressivo na produção de farinha.
RELAÇÕES SOCIAIS: O aprofundamento das relações entre os indivíduos, o crescimento do sentimento de família e a evolução das relações do grupo para além daquelas puramente econômicas	Foram assistidos resultados, nos quais é relevante ressaltar a aceitação entre os produtores, com ações e a troca de experiências, conhecimento e o aprendizado, de modo que a contribuir para melhorar as relações entre os cooperados. Assim fortalecendo os laços de confiança e das relações sociais.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

4.4 Relação de oportunidade da constituição e perfil de trabalho da cooperativa

Nos estudos de Rosenfield (2003), foi adotada a metodologia de avaliação de trabalhadores na cooperativa, e neste contexto se avaliou as entrevistas com o perfil de trabalho. O quadro 6 apresenta a correlação das respostas dos entrevistados neste estudo:

Tabela 7 – Correlação das respostas dos entrevistados.

	Ent_1	Ent_2	Ent_3	Ent_4	Ent_5	Ent_6	Ent_7	Ent_8	Ent_9
COOPERATIVA	0,7208	0,2449	0,6091	-0,1979	1,2404	-0,067	0,8009	0,3985	0,7217
GENTE	-0,1939	-0,7739	-0,2595	-0,4188	0,3042	-0,1418	-1,6963	0,5623	2,7239
FARINHA	0,4273	-0,8113	-0,2721	-0,4391	0,8938	-0,1487	0,2865	0,2316	-0,2494
MUITO	-0,0916	-0,3655	-0,1226	1,1648	-1,3744	-0,067	1,1595	0,6696	-0,2712
ESTAR	-0,0916	-0,3655	-0,1226	6,0639	-0,8036	-0,067	-0,8009	-0,3985	0,333
TRABALHAR	-0,1565	0,3957	-0,2095	1,4547	1,4353	-0,1145	-1,3689	-0,2557	-1,2334
GANHAR	-0,0732	-0,292	-0,0979	-0,1581	0,3789	-0,0535	1,5187	-0,3184	-0,5765
QUALIDADE	-0,0548	-0,2187	-0,0734	-0,1184	-0,273	-0,0401	0,5774	1,0497	-0,4317
NÃO	-0,0824	0,275	0,6493	-0,178	0,5583	-0,0603	-0,268	0,2503	-0,649
GRUPO	-0,1009	0,6607	-0,135	-0,2178	-0,9576	-0,0738	3,2401	-0,4387	-0,7944

Fonte: Dados da pesquisa, 2019. *Iramuteq.0.7 alpha2.*

Os dados demonstram que os entrevistados 4 e 6 não utilizaram em seus argumentos a palavra cooperativa, farinha (produção de farinha), gente (contato com os outros membros de trabalho), qualidade, grupo e não. Ao avaliar estas respostas pode-se inferir que estes indivíduos possuem maior probabilidade de serem trabalhados com perfil de “em recuo”, se comparados aos demais entrevistados.

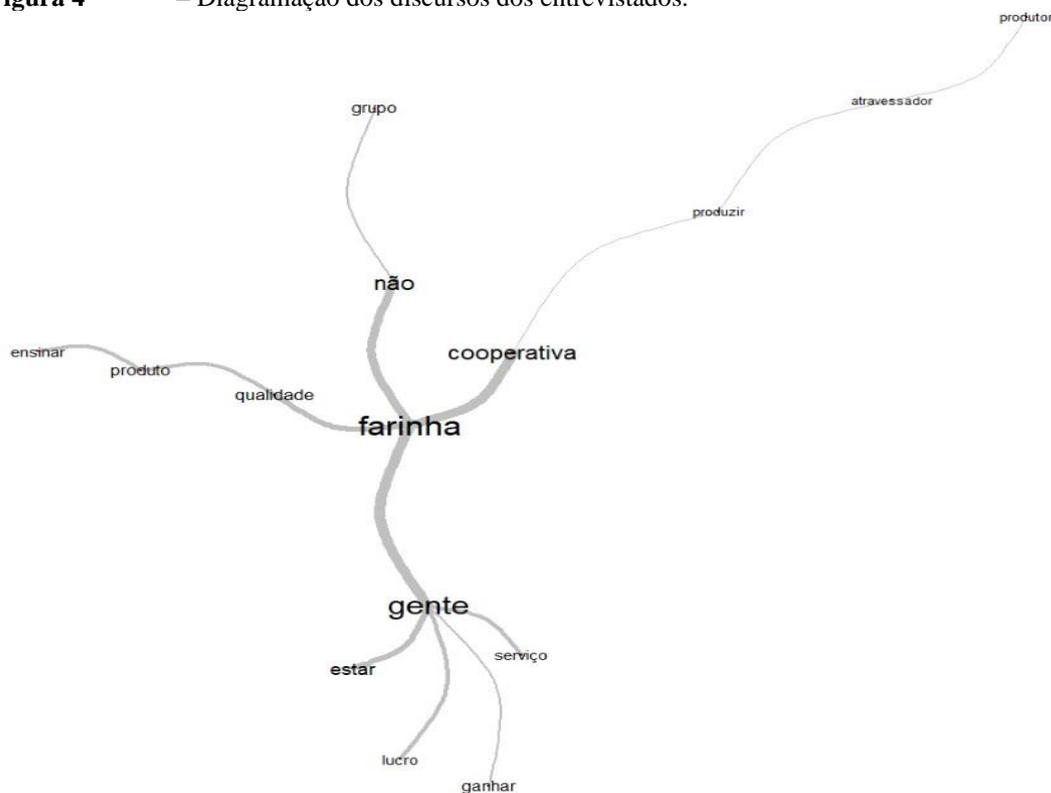


Na avaliação dos entrevistados, o 1, 5, 7 e 8 demonstra que estes estão mais vinculados a perspectiva de cooperação e a própria produção. Se demonstrando como trabalhadores engajados no processo pelo interesse da participação coletiva e comprometidos na ideia central.

Os entrevistados 2, 4 e 5 se mostram mais inseridos no interesse em constituir uma cooperativa, sendo o entrevistado 5 o mais receptível a ideia, além disso ambos estão inseridos no processo e trabalho. Se demonstrando assim, como trabalhadores engajados.

Nos estudos de Araújo (2014), observa-se que por mais que os cooperados apresentem perfis de não trabalhar em grupo, isto pode ser revertido com a demonstração de ganhos competitivos e a vontade de ganhar em conjunto ser superior as diferenças de processos de trabalho, podendo com isto permear que há possibilidade de adequar os níveis de trabalho em grupo e de formação de cooperativa, se os mesmos perceberem e incorporarem um perfil cooperativo para o alcance de ganhos competitivos de modos coletivos e não individualizados. Fato este pode ser comprovado ao observar abaixo a figura 4:

Figura 4 – Diagramação dos discursos dos entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019 . *Iramuteq.0.7 alpha2.*

Nesta figura pode-se avaliar que o traçado mais forte representa o que os entrevistados mais comentaram em suas respostas. Nota-se que a cerne entre os entrevistados é a farinha (produção da farinha), que os liga a diretamente a pessoas, qualidade e certeza. Outro laço de ligação de trabalho, de reconhecimento de cooperativa, do hoje, do trabalho.

Observa-se que o trabalho e a própria consciência refletida nas respostas dos cooperados remetem a formação de uma cooperativa com um cerne de ganhos e trabalho em grupo.

Tais fatos ratificam a metodologia de Rosenfield (2003) possível de aplicação ao se identificar a força de trabalho como “engajado” ou “em recuo”, criando caminhos de avaliação do processo cooperativo. Além disso, o processo de avaliação de discurso destas duas formas de trabalho ficou bem claras na diagramação, permitindo um diagnostico afirmativo que a formação da cooperativa pode ser vista positivamente, e com grande possibilidade de negócio.



5 Considerações Finais

Diante de um mercado globalizado e que está sempre em busca de produtividade e redução de custos, a falta de qualificação é um fator que deixa indivíduos aquém deste cenário. Nesse sentido, a cooperação empresarial surge como uma possível solução, apresentando-se como uma forma pela qual as pessoas possam se unir para trabalhar juntas, garantindo o acesso a oportunidades que sozinhas essas pessoas não conseguiriam obter. Através da união de esforços para trabalhar em parceria, a cooperação torna-se uma alternativa plausível para concorrer em um mercado globalizado e concorrencial.

O objetivo principal desta pesquisa foi o de estudar quais os ganhos competitivos podem ser proporcionados à uma organização coletiva de pequenos produtores de farinha de mandioca da vila de Manoel dos Santos, zona rural de Tracuateua - PA, caso eles constituíssem uma Cooperativa de trabalho, levando em consideração o conceito de ganhos competitivos estabelecidos por Verschoore e Balestrin (2008). Verificou-se que todos os ganhos competitivos estudados (acesso a soluções, aprendizagem e inovação, redução de riscos e custos, relações sociais) podem ser proporcionados caso se consolide a cooperativa, e que os produtores já possuem práticas de cooperação, facilitando também o acesso aos ganhos.

Constatou-se que dos nove entrevistados, dois se enquadraram nas características de trabalhador “em recuo”, enquanto que os restantes se enquadraram no grupo “engajado”. Isto demonstra que a maioria está comprometida em dar início ao processo de constituição da cooperativa, porém os trabalhadores “em recuo” têm certo receio sobre a viabilidade do projeto, preferindo integrar-se à cooperação depois que esta estiver funcionando. Todos os produtores demonstraram-se estar interessados em trabalhar de forma coletiva, entretanto concordam que devem ser criados meios que impossibilitem o surgimento de interesses pessoais acima do interesse coletivo dentro do grupo, logo o alinhamento de objetivos entre os interessados é um fator essencial para a colaboração ser viável.

Em um cenário com a cooperativa constituída, observou-se que a produção ultrapassa 100 de sacas de farinha de mandioca (60 kg), auferindo uma receita bruta total de R\$ 20.600,00 reais, obtendo uma margem bruta de lucro de 70%. Em comparação ao cenário atual dos agricultores, identificou-se que eles perdem uma parte do lucro da saca quando vendem para os “atravessadores”, e que há uma variação considerável do preço da saca, promovida pela qualidade da farinha. Isso ocasiona um excesso de trabalho e baixo lucro, fazendo alguns trabalhadores buscarem outras formas de renda, como a criação de hortas, cultivo de açaí, etc. Todos os produtores concordaram em padronizar o processo produtivo, para obter singularidade e assim conseguir chegar à um padrão de qualidade. Este estudo teve como limitação a falta de instrução dos agricultores em fornecer mais informações que possibilitassem uma análise mais abrangente dos dados contábeis para a elaboração de um demonstrativo contábil mais fidedigno; esta situação será sanada através da constituição da cooperativa, pois trabalhando coletivamente haveria uma análise gerencial do processo produtivo, mensurando os custos, e desta forma os demonstrativos contábeis estariam legítimos.

Através deste estudo, conclui-se que a constituição da cooperativa é viável para os produtores, não somente pelos ganhos competitivos que serão proporcionados a eles quando cooperarem, mas primordialmente porque há o interesse em trabalhar coletivamente. Para pesquisas futuras, sugere-se que novos estudos sobre a cooperação e os ganhos competitivos proporcionados através da cooperação sejam desenvolvidos, visto que existe uma carência do tratamento desse assunto no arcabouço acadêmico. Assim sendo, este trabalho evidencia que a cooperação é uma alternativa ao desemprego, que pode gerar renda e desenvolvimento humano e social na localidade em que está constituída.



Referências

- Andrade, L. C. G. et al. (2008). Adoção de novos paradigmas na organização e gestão de empreendimentos solidários: um estudo sobre o processo produtivo do açaí através das associações e cooperativas no território rural do baixo Tocantins – Pará – Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 46, **Anais...**, Rio Branco, AC, 2008.
- Araújo, J. C. O.; Pires, J. O. M.; Farias Filho, M. C..(2014). A cooperação como estratégia para o fortalecimento dos pequenos e médios empreendimentos. **Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade-CODS**, v. 4, n. 1, p. 81-100, 2014. Disponível em:<http://revistas.unama.br/index.php/coloquio/article/view/118>. Acesso em: 9 out. 2018.
- Araújo, J. C. O. (2014). **Ganhos Competitivos e gestão contábil coletiva: o caso das cooperativas de catadores de materiais recicláveis do Estado do Pará** 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Administração) UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA, Belém, 2014.
- Balestrin, A.; Verchoore, J. R.; Junior, E. R. (2010). O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 3, p. 458-477, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v14n3/v14n3a05.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- Barbosa, M. S.; Lopez, J. D. G.; Reis, A. A. dos; Eid, F. (2015) As cooperativas e os empreendimentos solidários como estratégia do desenvolvimento rural sustentável nos territórios da Amazônia Paraense. In: 53º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural: 'Agropecuária, Meio Ambiente e Desenvolvimento', 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: 53º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2015. v. 1. p. 1-17. Disponível em: <http://icongresso.itarget.com.br/tra/arquivos/ser.5/1/5156.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.
- Bialoskorki, N. (2006). **Aspectos Econômicos das Cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.
- Castro, L. H.; Damásio, A. M.(2012). Referenciais de Cooperação do Sebrae. **Brasília: Sebrae**, 2012. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/ea6a88843cad7942a56705bf8a937350/\\$File/4168.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/ea6a88843cad7942a56705bf8a937350/$File/4168.pdf). Acesso em: 1 mar. 2019
- Cialdini, R. B.; Goldstein, N. J. (2004) Social influence: Compliance and conformity. **Annu. Rev. Psychol.**, v. 55, p. 591-621, 2004. Disponível em:<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.55.090902.142015>. Acesso em: 24 fev. 2019.
- Haddad, F. (2005) Hay que ser solidário pero sin perder la combatividade jamás. In: MELLO. S. L. de (Org.). **Economia Solidária e autogestão: encontros internacionais**. São Paulo: NESOL-USP, ITCP-USP, PW, 2005. 22-28 p.
- Brasil.(2006) Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Evolução do cooperativismo no Brasil**. DENACOOOP em ação. Brasília, DF, 2006. 124 p.



- Mothé, D. (2009) Autogestão. In: HESPANHA, Pedro et al. (Org.). **Dicionário internacional da outra economia**. CES, 2009. p. 26-30.
- Olave, M. E. L.; Amato Neto, J.(2001) Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para as pequenas e médias empresas. **Gestão e Produção**, v. 8, n. 3, p. 289-303, dez. 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/gp/v8n3/v8n3a06>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- Organizações das Cooperativas Brasileiras – OCB (2016). **História do Cooperativismo**. Disponível em: <http://www.ocb.org.br>. Acesso em 13/09/2019.
- Rosenfield, C. L.(2003) A autogestão e a nova questão social: repensando a relação indivíduo-sociedade. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 2, p. 395-415, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/742/74230209.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.
- Sales, J. E. (2010) Cooperativismo: Origens e Evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia| RBGE| ISSN 2237-1664**, n. 1, p. 23-34, 2010. Disponível em:<http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia/article/view/30>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- Singer, P. (2000) **Economia Solidária: um modo de produção e distribuição**. In: P. Singer e A. R. Souza. A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego, São Paulo, Contexto, 2000.
- Silva, E. S. et al. (2003). Panorama do cooperativismo brasileiro: história, cenários e tendências. **Rede de Universidades das Américas para Estudos Cooperativos e Associativos- UNIRCOOP**, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Inessa_Salomao/publication/242251864_PANORAMA_DO_COOPERATIVISMO_BRASILEIRO_HISTORIA_CENARIOS_E_TENDENCIAS/links/555deccd08ae86c06b5f29ba.pdf. Acesso em 3 maio 2019.
- Silva, R. S.; Gaspar, M. A.; Farina, M. C. (2015) Ganhos competitivos em redes de cooperação: estudo em uma cooperativa de pequenas farmácias. **XVIII SEMEAD - Seminários em administração**, p. 01-15. 2015. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/18semead/resultado/trabalhosPDF/372.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- Verchoore, J. R.; Balestrin, A. (2008) Ganhos competitivos das empresas em redes de cooperação. **Revista de Administração (FEA-USP)**, v. 1, p. 2, 2008.
- Verchoore, J. R.; Balestrin, A.(2007) Redes de Cooperação: Atributos de Gestão e Resultados Competitivos. **RPA Brasil**, Maringá, v. 3, p. 87-102, 2007.